

IMORTAIS DA ACADEMIA
EPISÓDIO 29 – O ESTOFO DE QUE SE COMPÕE A PERENIDADE

01:00:17:14

ABERTURA

01:00:22:07

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,
Arte e ciência, pensamento e memória,
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

01:01:03:05

VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia

01:01:17:13

GERALDO HOLANDA CAVALCANTI – Atual ocupante da Cadeira 29

Eu nunca me preocupei com a minha reputação. Inclusive, muita gente pensa muito no nome que vai deixar. O nome que vai deixar só me interessa enquanto eu estiver vivo, depois... Pra mim o que interessa é o presente. O futuro, sobretudo aquele depois da minha morte, não me afeta.

01:01:41:03

VIDEOGRAFISMO – Cadeira 29: O estofado de que se compõe a perenidade

01:01:48:01

GERALDO HOLANDA CAVALCANTI – Atual ocupante da Cadeira 29

Eu tenho desde muito cedo um interesse grande pela literatura, e é uma coisa um tanto espontânea porque eu não sou de uma família propriamente de pessoas, digamos, ligada às letras. Mas, minha mãe, sobretudo, e meu pai também, quiseram nos dar uma educação bastante ampla no sentido de formação humanística. E desde cedo eu tinha a biblioteca **XXXX**, que não eram especialistas, eram pessoas comuns, alguns livros me despertaram muita atenção, e sobretudo, os livros infantis que me foram fornecidos naquela época, não eram os livros que hoje em dia enfim, dominam o mercado, estória em quadrinho, muito ilustrados, pelo contrário. Os primeiros livros que eu li eram da Edição Melhoramentos e eram livros sobre Machado de Assis, sobre José de Alencar, sobre Casimiro de Abreu. Eram edições pequenininhas, com sessenta páginas talvez. Numa linguagem apropriada para criança, de modo que eu já entrei digamos, de cara, não com gibis ou com qualquer coisa dessa natureza, mas com uma literatura que para muita gente era uma literatura pesada, no sentido de que não era de entretenimento, era mais de formação, de educação. E desde muito cedo comecei a escrever. O primeiro poema que eu escrevi eu tinha oito anos de idade, e se intitulava “Saldades da infância”, saldades com “l”, não era com “u” não. Que era evidentemente uma cópia de Casimiro de Abreu, mas, me deu muita satisfação. Só fiquei muito frustrado que quando papai mostrou isso a um sócio dele, o sócio disse “Mas isso é Casimiro de Abreu!” Descobriram a minha fonte. Mas foi involuntário. Escrevi espontaneamente aquele poema. Mas só pra

dizer que desde cedo eu quis escrever. Quer dizer, não é só ler, mas também escrever. Aos vinte anos eu me formei na minha faculdade de direito, e logo depois entrei na carreira diplomática. E aí, isso evidentemente foi um tornado, uma virada na minha vida que me desviou dessa vocação, talvez a original, para a literatura. É um campo que me absorveu de uma maneira tão totalizante que foi toda a minha carreira diplomática ao longo de quase quarente anos. E a literatura, é uma coisa assim digamos, não digo secundária, era fundamental na minha vida, mas eu só tinha contato pela leitura, eu sempre fui um grande leitor, e morando nesses países eu tive a oportunidade de conviver de muito perto a literatura inglesa, a literatura americana, a literatura francesa. E isso me permitiu um contato talvez maior com a literatura universal do que com a própria literatura brasileira. Porque enquanto eu estava em Moscou ou em Hong Kong, o meu contato com a literatura brasileira era muito precário. Só depois de terminado a carreira é que realmente eu me voltei para a literatura, e de uma maneira ímpar, primeiro quando eu fui ser secretário geral da União Latina que se ocupava também de problemas ligados transversalmente a literatura, e em 2001 quando eu voltei para o Brasil. Aí sim, fechei a pasta diplomática e me dediquei totalmente a literatura.

Geraldo de Holanda Cavalcanti – Posse em 2010

01:05:14:14

OFF

Mundo-que-mundo

mundo demais

a noite imensa

medo que cai

mundo-que-monte

monturo mais

zonga cabeça

montão demais

mata escondida

luz que se faz

estrela amiga

na mão se esvai

luzinha verde

vindo da mata

alta distante

o medo mata

Veze quando, a alegria

Geraldo de Holanda Cavalcanti, em *O mandiocal em verdes mãos*

01:05:49: 17

SÉRGIO EDUARDO MOREIRA LIMA - Embaixador

O embaixador Geraldo de Holanda Cavalcanti é um homem dotado de grande cultura clássica, mas também de fina sensibilidade literária. Ele participou e atuou em questões muito relevantes da história diplomática brasileira contemporânea. E dedicou-se nas décadas recentes a atividades literárias que o habilitaram, depois de se exercer como presidente da União Latina, a oferecer diversas obras, inclusive na literatura fantástica, totalmente em linha do que se espera de um acadêmico completo. Alguns o consideram um **grand sier** da literatura brasileira. E o Geraldo era uma referência naquele período, que foi um período de grandes transformações na política externa brasileira. A mudança da posição do Brasil em relação ao colonialismo. Em 1974 o Brasil muda. Foi o primeiro ano da gestão do **XXXXX**, pragmatismo responsável. O Brasil ficava numa posição um pouco ligada a Portugal, consultando Portugal e em 74 o Brasil muda a sua posição, então isso reconhece, em função dessa mudança, o Brasil reconhece a independência da Guiné Bissau, logo em seguida reconhece a independência de Angola. E esse reconhecimento levou então a que outros países seguissem o caminho do Brasil e reconhecesse também, à despeito do que queriam as superpotências da época. De um lado a União Soviética e do outro os Estados Unidos. Então isso é um reflexo do grau de autonomia da política externa brasileira. E Geraldo de Holanda tinha um dedinho também nesse processo.

01:07:46:02

OFF

Geraldo Holanda Cavalcanti ocupa um assento na ABL que tem por patrono um titã do teatro brasileiro. O prolífico Martins Pena, fundador da nossa comédia de costumes, produziu cerca de 30 peças em apenas oito anos.

01:08:05:23

JOÃO ROBERTO FARIA – Doutor em literatura

Eu costumo dizer que é um milagre que tenha aparecido no Brasil dos anos 1830, um comediógrafo como Martins Pena. Porque eu digo que é um milagre? Porque nós não tínhamos nenhuma tradição teatral. Era um cenário, digamos assim, de um teatro dando os seus primeiros passos, mas ainda muito dependente de repertório estrangeiro porque nós não tínhamos aqui peças brasileiras para serem encenadas. De repente, do nada, nós podemos dizer assim, em 1838, o João Caetano encena uma tragédia escrita por um brasileiro chamado Gonçalves de Magalhães, a tragédia “Antônio José ou O Poeta e a Inquisição. Esse espetáculo ficou como uma espécie de um marco inaugural do teatro brasileiro, em pleno romantismo. Naquela altura, digamos assim, no final dos anos 1830, ninguém deu muita atenção para uma pecinha em um ato que também foi encenada pela companhia do João Caetano em 1838. Uma pecinha que chamava “O juiz de paz na roça”. Essa pecinha foi inclusive encenada anonimamente, ninguém nem sabia quem era o seu autor. E o seu autor era Martins Pena. A peça foi bem recebida, fez sucesso, recebeu aplausos da plateia. Mas àquela altura, o gênero teatral que dava prestígio para o escritor era o gênero sério. O drama, o melodrama, a tragédia neoclássica, que eram, digamos assim, os gêneros preferidos por esse ator, João Caetano, que era o dono da companhia dramática. Martins Pena tentou nesse final dos anos 1830 escrever peças sérias. Como ele não conseguiu encenar essas peças, ele voltou-se de novo para escrever as comédias, geralmente comédia curtas em um ato. E é claro que aí ele, digamos assim, encontrou a sua vocação.

Gonçalves de Magalhães – Patrono da Cadeira 09

Martins Pena – Patrono da cadeira 29

01:10:26:16

OFF

“O sentimento religioso está na alma, e esse transpira nas menores ações da vida. Eu, com este meu vestido, posso ser mais religiosa do que tu com este hábito. (...) O hábito não faz o monge. Ele é, muitas vezes, capa de espertalhões que querem iludir ao público; de hipócritas que se servem da religião como de um meio; de mandriões que querem fugir a uma ocupação e de velhacos que comem das irmandades...”

Quem casa quer casa

Martins Pena

01:11:01:00

JOÃO ROBERTO FARIA – Doutor em literatura

Um dos primeiros críticos que elogiaram o Martins Pena, um crítico do final do século 19, chamado Silvio Romero, ele disse num texto que se perdessem todos os documentos acerca do Brasil dos anos 1830, 1840, a fisionomia moral poderia ser reconstituída à partir das comédias de costumes do Martins Pena. Quer dizer, esse efeito ele é o resultado de uma extraordinária capacidade de observação e de transposição daquela realidade observada para dentro da comédia. Então Martins pena de fato ele foi o criador da comédia no Brasil, porque antes dele não tinha ninguém, e ele se torna o comediógrafo que vai ser depois continuado por vários outros como Joaquim Manoel de Macedo, França Junior, Artur Azevedo. Ou seja, essa combinação do registro **facesco** com o documento histórico de observação da realidade, essa soma, digamos assim, vai ser modelo de muito outros dramaturgos que vão surgir na sequência.

Silvio Romero – Fundador da Cadeira 17

01:12:29:01

VINHETA – Estamos apresentando

01:12:46:29

VINHETA – Voltamos apresentar

01:12:55:27

OFF

Quem inaugura a cadeira 29 da ABL é Artur Azevedo.

Devotado ao teatro, homenageou um de seus mestres, Martins Pena, ao escolhê-lo patrono de sua vaga. “Quando eu morrer, – escreveu Artur Azevedo – não deixarei o meu pobre nome ligado a nenhum livro, ninguém citará um verso, nem frase, que saísse do cérebro; mas com certeza hão de dizer: ‘ele amava o teatro’.”

01:13:31:00

MARINA MARTINS – Doutora em artes cênicas

E o Artur Azevedo tinha uma verve também muito cômica e muito sarcástica das coisas, e ele não era muito considerado como um grande escritor no sentido do peso do escritor, intelectual. Na minha própria opinião, na minha humilde opinião, eu acho que o Artur Azevedo realmente se destaca como um grande revistógrafo que fazia as revistas de ano, que isso não tem preço. Todo, ele fazia uma revisão dos fatos políticos, sociais, econômicos de um ano e colocava isso em cena, então ele instruí a população dos

acontecimentos mais importantes e fazia caricaturas dos políticos, fazia caricatura. Então assim, as revistas de ano pra mim do Artur Azevedo são, é uma obra assim realmente muito importante pra gente conhecer um pouco da sociedade carioca da época.

Artur Azevedo – Fundador da Cadeira 29

01:14:43:04

JOÃO ROBERTO FARIA – Doutor em literatura

E ele escreveu obras primas da comédia brasileira, como “A capital federal”, que foi encenada em 1897, que foi um sucesso extraordinário. Essa peça é uma burleta. Quer dizer, o que que é uma burleta? É um tipo de peça que sintetiza todas as formas do teatro cômico e musicado. Então você tem elementos da opereta, você tem elementos da revista de ano, você tem elementos da farsa, elementos da comédia de costumes. Tudo dentro desse gênero que se chama burleta. E “A capital federal” retomava o tema cidade versus campo. É uma peça divertidíssima em torno de uma família que vem da roça, de Minas, e vem ao Rio de Janeiro procurar um rapaz que prometeu se casar com a filha do fazendeiro há algum tempo atrás. E é uma peça muito divertida, com muita correria em cena, e um enorme, foi um enorme sucesso.

01:15:42:26

“Não há rua como a rua
Que se chama do Ouvidor!
Não há outra que possua
Certamente o seu valor!
Muita gente há que se mace
Quando, seja por que for,
Passe um dia sem que passe
Pela Rua do Ouvidor!”

A capital federal

Artur Azevedo

01:16:03:26

JOÃO ROBERTO FARIA – Doutor em literatura

Então era um autor assim, de uma vivacidade extraordinária, com uma facilidade para escrever, para versejar, e uma imaginação assim incrível. Com um domínio também da carpintaria teatral, sabia como criar um tipo cômico, uma situação cômica. Sabia como desenvolver enredo. Enfim, e a par de isso tudo era também crítico teatral. Quer dizer, escrevia em dois ou três jornais ao mesmo tempo, fazia um balanço dos espetáculos da semana, dava palpites nos espetáculos, orientava atores. Ele foi, assim, uma figura que dominava, digamos assim, a cena teatral brasileira, eu diria que de 1876 até 1908, que foi o ano em que ele morreu. Quer dizer, todo o teatro brasileiro desse período gira em torno da figura do Artur Azevedo.

01:17:11:10

Entre o fundador e o atual ocupante da cadeira 29, passaram-se algumas décadas e outros grandes nomes. Todos, segundo Geraldo Holanda Cavalcanti, parte do estofado de que se compõe a perenidade da academia. Na trajetória de Geraldo, uma prova dessa constância está em suas traduções.

01:17:39:24

GERALDO HOLANDA CAVALCANTI – Atual ocupante da Cadeira 29

Eu sempre me interessei pela tradução, mas talvez eu possa até atribuir esse meu interesse pela tradução a minha própria atividade diplomática. O diplomata por definição está lidando sempre com outros povos, outras línguas. No caso da diplomacia bilateral, isso pode ser importante, é importante, mas você está com o viés mais restrito. No caso da tradução literária a gente não está lidando com palavras. Está lidando com coisa muito mais complexas que são as ideias, ritmo, som, novidade. Quer dizer, você tem uma série de elementos aí que nada tem haver com a tradução de um termo técnico, médico ou de uma peça mecânica. Você está lidando com o pensamento. Então, é outra coisa. A tradução literária não tem nada haver digamos, científica, técnica. Mas, tem uma coisa em comum que é essa preocupação com o encontrar um denominador comum entre a língua de partida e a língua de chegada, de uma tal maneira que as pessoas se entendam. De modo que há semelhanças sim, mas são atividades completamente distintas no fazer. São duas coisas aproximadas, mas não são a mesma coisa.

01:19:07:24

MAURÍCIO SANTANA DIAS – Doutor em letras

Eu conheci o Geraldo Holanda Cavalcanti pelos livros de tradução que ele fez de poetas italianos muito importantes e que estavam por serem traduzidos ainda no Brasil. E assim, ele é um grande tradutor. Realmente o Geraldo é um tradutor desses inspirados. Conhece muito, e tem essa modesta em dizer que ele começou a traduzir porque ele queria entender os poetas que ele lia, sobretudo Quasimodo. Então não há uma postura cerebral em torno da tradução. Ele parte da experiência do leitor que quer decodificar, entrar naquele universo, naquele texto. Ele também domina vários idiomas, inclusive ele até diz que os poetas talvez mais familiares a ele sejam o de língua inglesa. De fato aparecem na poesia própria dele muitas referências ao Aliot, ao Larkin, enfim. Então embora ele tenha essa afinidade com poetas de outras línguas, o espanhol, ele traduziu o Álvaro Mútis, colombiano, da língua inglesa, mas ele acabou sendo fundamental para esses três grandes poetas, que são os três maiores talvez, poetas da língua italiana do século 20, que são Eugenio Montale, Salvatore Quasimodo e o Giuseppe Ungaretti. E fez esse belíssimo trabalho também com o “Cântico dos cânticos”, embora ele diga, bom, eu não sei o hebraico, mas ele faz um estudo belíssimo com várias traduções, em várias línguas que ele domina, e faz um estudo sobre esse texto bíblico que é fantástico.

01:20:50:07

“Mais do que qualquer outro livro, o Cântico se presta para a discussão dos problemas da tradução. Tudo já foi feito para decifrar-lhe as imagens e a mensagem, desde a tradução mais literal ao delírio interpretativo mais desvairado. Uma conclusão parece clara: mesmo a tradução mais literal já é uma arriscada interpretação.”

Cântico dos Cânticos

Geraldo Holanda Cavalcanti

01:21:21:15

GERALDO HOLANDA CAVALCANTI – Atual ocupante da Cadeira 29

Eu descobri que eu tinha interesse pelo “Cântico dos cânticos”, eu não sabia que tinha, quando terminei a minha, meu mandato na União Latina, no último dia, no ano de 2001, vejo essa edição do Paul Claudel, “Paul Claudel Interroge Le cantique des cantiques”. Comprei o livro, abri um pouco e logo na primeira linha, nas primeiras páginas, o Claudel apresentava a composição dele, ele achava que o “Cântico dos cânticos” era um livro escrito pelo Espírito Santo. Bom, só isso foi uma provocação pra mim muito grande.

Como eu já tinha alguma familiaridade com o “Cântico dos cânticos” sem ter um interesse muito especial, eu sabia que o “Cântico dos cânticos” era um poema erótico na verdade. É um poema do amor, o amor físico, não o amor erótico no sentido, digamos, XXXX da palavra, mas no sentido do amor físico. E, resolvi fazer um anti Claudel. Eu vou escrever um livro pra rebater essa tese dele. Aí comecei a pegar, primeiro uma leitura cuidadosa do “Cântico dos cânticos”, mas eu vi que era preciso ler muitas traduções porque havia uma diferença, uma variação muito grande das traduções de alguns versos ou versículos, já que se trata de um livro da bíblia, e fui acumulando traduções e o desejo de fazer um trabalho sério, um ensaio sobre o assunto. Bom, resumo da ópera, passei três anos em meio dedicados quase que exclusivamente ao estudo do “Cântico dos cânticos” pra produzir meu livro anti Claudel. Evidentemente a minha tese era mostrar que o poema era um poema do amor físico. Isso para a maior parte do público religioso, o católico comum, era uma heresia, e uma coisa realmente abominável, mas eu tive a minha vingança. Como eu entrei para a Academia me tornei amigo do Tarcísio Padilha, que na época era o presidente do Centro Dom Vital. E o Tarcísio que é um homem lúcido, um humanista extraordinário, me convidou para fazer uma palestra no centro Dom Vital sobre o “Cântico dos cânticos”. Então eu chego lá enfrento uma plateia toda composta de ultramontanos basicamente, pra defender a minha tese. E a medida que eu fui falando, e eu vi que os olhos se arregalavam, havia pessoas se olhando para um lado para o outro, horrorizados com o que eu estava falando. Mas aí eu tinha o meu segredo. Quando estava todo mundo assim eu citei João Paulo II, que em quatro palestras sobre o “Cântico dos cânticos”, em 1986, defendia que o “Cântico dos cânticos” era um cântico do amor físico, e usa até a palavra erótica. A bom! Aí eu desarme todo mundo com essa estória. Com isso fui liberado dessa condenação ao inferno ao qual estava sujeito com a minha tese anterior.

Tarcísio Padilha – Posse em 1997

01:24:35:27

VIDEOGRAFISMO

Cadeira 29

Patrono – Martins Pena

Fundador – Artur Azevedo

Vicente de Carvalho

Cláudio de Sousa

Josué Montello

José Mindlin

Atual – Geraldo Holanda Cavalcanti